

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Imparcial Class.: 275

Data: 22/05/91 Pg.: _____

Índios só deixam S. Luís depois

do acordo

A conhecida novela da invasão das terras indígenas e a incapacidade do governo em solucionar o problema está atravessando mais um capítulo. Com direito a cenas de violência, omissão e cegueira. Os guajajaras estão em São Luís e prometem de uma vez por todas colocar um ponto final na trágica encenação.

Os problemas relacionados com a questão indígena já ultrapassam oitenta anos e incluem o massacre de Alto Alegre, no município de Barra do Corda. Em 1923, no governo de Godofredo Viana, a reserva guajajara foi delimitada englobando uma área de cerca de 165 mil hectares. Houve uma demarcação da reserva em 1936 e trabalho semelhante foi levado a efeito 17 anos depois. Na década de setenta, o Incra — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária passou por cima do direito de posse dos índios sobre a terra e permitiu a penetração de colonos no local. Em decorrência disso, a reserva, localizada nos municípios de Grajaú e Barra do Corda, perdeu cerca de 33 mil hectares da área original, em nova demarcação que a Funai — Fundação Nacional do Índio — realizou em 1977.

Dois anos mais tarde, esse mesmo órgão repassou a quantia de 160 milhões de cruzeiros ao governo João Castelo, visando a indenização de todos os moradores dos povoados de Alto Alegre, São Pedro dos Cacetes e Lagoa Comprida. Só que todo esse dinheiro não foi aplicado corretamente.

Canabrava — Área indígena conhecida como Canabrava é o atual ponto de conflito, desde o gradativo aumento das tensões a partir de 1979. E se relaciona justamente com o povoado de São Pedro dos Cacetes, que está localizado no coração de várias aldeias. Os problemas ocor-



Os índios estão hospedados em hotel e só voltam depois do acordo

rem quando os índios resolvem se deslocar de uma aldeia a outra e passam pelo povoado. Geralmente são espancados e já houve casos de mortes. No momento, dois índios estão desaparecidos e os caciques acreditam que tenham sido assassinados.

José Galdino, 58, cacique da aldeia Cocalin, declarou que "os índios estão em São Luís para conversar com o governador, mas ele foi para Brasília. Nós só vamos sair daqui de São Luís depois que

conversarmos com ele. O problema é que nós estamos apenas querendo receber as nossas terras de volta. Nós sempre moramos naquele lugar e não vamos sair dali de jeito nenhum. Até agora não sabemos o que a Funai decidiu, mas não podemos mais esperar. E se o governador não resolver isso, vai morrer muita gente". Galdino carrega um certo rancor na voz mas está decidido. Ele é o presidente da chamada Associação Guajajara, que reúne todas as aldeias do local.

"Brancos" prejudicam o cultivo na aldeia

Os índios cultivam em suas terras o milho, o feijão, o arroz e a mandioca, dentre outros produtos para a sua sobrevivência. Mas os problemas com os brancos têm prejudicado bastante esse trabalho. Marciano Clemente, 50, cacique da aldeia Coquinho, afirma que os brancos já encheram o saco. "Não temos mais paciência para esperar. Já morreu muito índio sem ajuda do governo. Teve índio que morreu de malária, outros de gripe e de febre. Não há medicamentos e nem médicos para cuidar da gente. Isso é por causa da falta de interesse das próprias autoridades que fazem as leis mas não cumprem essas leis".

Os índios solicitaram e conseguiram a vinda da Assessora Jurídica do CIMI — Conselho Indígena Missionário — Nishlei Vieira de Mello, 25, de Brasília, para defender a sua causa. Nishlei afirma que "os índios não vão se retirar daquela área de forma alguma. Existe uma proposta do governo e do município de Grajaú para que eles sejam transferidos para outro lugar. Mas isso é inconstitucional, já que o artigo 231, parágrafo 6 da Constituição diz que "são nulos todos os atos que visam a ocupação, a posse e o domínio de terras indígenas". Diante disso, o governo tem que retirar os moradores de São Pedro dos Cacetes. Aquela terra pertence aos índios desde tempos imemoriais".

Os índios tiveram uma reunião antecorrente, com o chefe do Gabinete Civil, Eliezer Moreira, que afirmou não ser fácil a retirada das cerca de seis mil pessoas que moram na reserva indígena. Dessa forma, a novela continua e promete violência para os próximos capítulos. Sem direito a intervalos.